



239 Símbolos da pátria agora são do povo

POUCO mais de um ano, desde janeiro de 1984 — quando começou a campanha das diretas —, bastou para tornar queridos os símbolos da pátria que anos e anos de regime militar tinham afastado do povo.

A canalização da vontade de mudar, obra de políticos, e a criticividade da multidão, sempre ordeira, popularizaram o Hino Nacional, fizeram da bandeira e do verde-e-amarelo muito mais do que símbolos associados à seleção brasileira de futebol.

Derrota do positivismo dos fundadores da República, vitória do aprendizado democrático. Uma das marcas registradas da Nova República, a bandeira de 200 metros quadrados que subiu a rampa do Congresso no dia da eleição de Tancredo, reapareceu ontem em Brasília, conduzida pelos mesmos jovens que, não se sabe ao certo como, conseguem tomá-la emprestada ao Palácio do Planalto.

Mais sintomático ainda: populares, civis,

que não tinham outro argumento a não ser sua emoção e sua vontade de participar, misturam-se aos soldados do cortejo fúnebre, pegam carona no Urutu do Exército que conduz o caixão, enquanto aos batedores militares se misturam simples motocilistas.

Restituído a sua verdadeira fonte, o povo, o amor à pátria, no difícil começo da Nova República, não afasta civis de militares. Caem as discriminações, as tutelas, as compulsões humilhantes.